

A MORAL CRISTÃ NO DISCURSO DE NEGAÇÃO AO USO DE PSICOATIVOS: O ENTENDIMENTO DE GRUPOS RELIGIOSOS SOBRE O “PROBLEMA DAS ‘DROGAS’”¹

João Daniel de Lima Simeão

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Contato: danielsimeao@outlook.com.

Resumo: O uso cultural de psicoativos pode ser datado em dimensões milenares, inclusive, nos mais variados cultos e religiões do mundo, todavia, com o suceder do período inquisitorial e de outros eventos históricos, de forma central no contexto atual a “guerra contra as drogas” iniciada no século XX se desenvolveu uma forte teoria frente ao “problema das drogas”, criminalizando jurídica e socialmente o uso de psicoativos, assim como, marginalizando seus usuários. É nosso objetivo analisar as relações entre valores religiosos e valores políticos presentes no discurso e na prática de grupos religiosos especificamente no que diz respeito ao “problema das drogas”, especialmente, quando participa do debate na esfera teórica e prática pautada numa compreensão moralista, estando diretamente incluída aqui a falta de estrutura familiar como causa ou ainda, como efeito direto do uso de psicoativo. Desenvolvemos este projeto de pesquisa pretendendo contribuir com a discussão sobre a responsabilidade dos grupos religiosos da cidade de Natal/RN na definição deste assunto de grande repercussão na esfera pública, que em sua maioria tende a conceber de forma espiritualizada, ao passo que, anula parcialmente a contextualização social. Diante disso, as reflexões feitas neste trabalho fazem parte das pesquisas realizadas projeto de pesquisa intitulado “Drogas e o exercício da religiosidade e da cidadania” (PVC10520-2014) realizado pelo Grupo Mythos Logos (Departamento de Ciências Sociais) com financiamento da Pró Reitoria de Pesquisa da UFRN. O trabalho apresenta como dado empírico as entrevistas realizadas com lideranças religiosas presentes na cidade e versa sob a contribuição teórica dos pensadores da Sociologia da Religião e demais estudiosos das áreas historiográficas, assim como, das ciências psicológicas, que têm pesquisado sobre a relação existente entre “Drogas”, Religião e Cidadania.

Palavras-chave: “Problema das ‘Drogas’”; Cidadania; Moralismo Cristão; Religiosidade.

Introdução

O uso de psicoativos tem sido debatido nos mais variados campos e espaços da sociedade, especialmente no âmbito político e jurídico, mas sobretudo no campo da moralidade; nas militâncias, especialmente, propondo uma reflexão crítica frente às políticas de descriminalização das drogas, debatendo sobre as diferentes formas de uso de psicoativos, proibicionismo, redução de danos, níveis de violência, principalmente entre os jovens, entre outros temas. Igualmente os grupos e instituições religiosas também têm se posicionado e se organizado a este respeito, formulando interpretações para o fenômeno do uso de psicoativos baseadas em suas doutrinas e princípios virtuosos. Isto numa sociedade que discute com

¹ Este artigo é fundamentado no capítulo terceiro do Trabalho de conclusão de Curso da Graduação em Ciências Sociais – UFRN, sob orientação do Professor Dr. Orivaldo Pimentel Lopes Júnior. O texto ainda não encontra-se disponível para consulta. (83) 3322.3222

constância a laicidade do Estado, sendo a questão das “drogas”² contemporaneamente um campo de incisiva participação religiosa.

Diante disso, o grupo de estudo Mythos-Logos: Espiritualidade, Religiosidade e Mito (GEC226-09) – Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), por meio do Projeto de Pesquisa “Drogas e o Exercício da Religiosidade e da Cidadania” (PVC10520-2014)³ nos anos de 2014 à 2016 desenvolveu uma sólida pesquisa com objetivo de investigar o pensamento dos grupos religiosos sobre o “problema das drogas”.

Diante disso, percebemos que as vertentes religiosas têm incidido de forma constante no discurso sobre uso de psicoativos. Às vezes evocando uma interpretação de cunho social e médico, especialmente nos segmentos protestantes Tradicionais, mas também persistentemente o fundamento na teoria de vida cristã. É prudente reconhecer que os atores religiosos estruturadores do pensamento difundido dentro da filosofia cristã são os próprios membros da sociedade e não indivíduos apartados dela, ou seja, são formados na sociedade que reprime o uso de psicoativo e incentiva a formação de corpos produtivos. Todavia, rememoremos que a Religião assume papel fundamental, ou ainda um papel destacado na *Construção Social da realidade*, como dissertaram BERGER E LUCKMANN (1994). Assim, a sociedade tem na religião um respaldo moral e ascético na construção dos indivíduos.

Desta maneira, vemos na religião a reprodução do pânico moral, que na sociedade hegemônica é visível quando se fala do uso de “drogas”. Este Pânico, se expressa através de formas discursivas localizadas, transitórias, profundamente enfáticas e adaptada ao objetivo de alcançar a visibilidade e a atenção pública, ou mesmo a adesão pela voz pública. Tais formas discursivas possuem uma natureza performativa que usa a mídia como meio privilegiado de divulgação MACHADO (2011).

Este Pânico Moral, portanto, fortifica o que se chama de “Problema das Drogas”, que por sua vez se trata da compreensão que a demanda por “drogas” é produzida social e historicamente e isto é geralmente negligenciado quando se fala desse problema, enquanto que por outro lado se dá muita ênfase ao crescimento da demanda como efeito do desejo

² A palavra Drogas, assim como, Problema das Drogas será usada constantemente entre aspas, visto que este vocábulo porta em si significância pejorativa a respeito das substâncias alteradoras da consciência além de marginalizar seus usos, atrelado a uma compreensão de ilegalidade. Sendo assim, ao não sermos concordes com essa visão reducionista do contexto usaremos de forma diferenciada.

³ Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/interlegere/article/viewFile/6397/5008>. Acessado em: 13 de julho de 2017. (83) 3322.3222

individual e principalmente em virtude do poder da própria substância sobre o corpo físico, como discorre a professora Gilberta ACSELRAD (2015, p. 2).

Portanto, a fraqueza humana que tendência ao uso de elementos alteradores da consciência, segundo a visão religiosa, pode ser vista como resultado da falta de Deus, ou a ausência dele na vida do indivíduo. Para tanto, é proposto aos indivíduos, que ao encontrar-se com o divino há a anulação desta falta, preenchendo com a fé e a prática religiosa a dimensão espiritual e em consequência haverá a estabilização na dimensão física e psicológica. E tem-se com isso a “cura” dos vícios com resultado benéficos na dimensão espiritual, físico-psicologia e social.

Metodologia

Considerando a metodologia desenvolvida para a pesquisa fez-se uso da realização de entrevistas com líderes religiosos⁴. Para a realização destas coletas qualitativas, em grande parte dos casos, se fizeram necessárias inúmeras investidas, sendo insuficientes os contatos telefônicos e virtuais e, por vezes, os serviços de secretaria. Assim, nos foi necessário indicações de colegas do curso que são membros das denominações ou ainda amigos pessoais que colaboraram como intermediários. Os diálogos duraram entre 25 e 50 minutos. As perguntas norteadoras eram: Como que o grupo entende o “problemas das drogas” e Como o mesmo se relaciona com o “problemas das drogas”.

Após a transcrição dos dados, demos início ao processo de tabulação dos mesmos, ou seja, começamos a organizar os discursos segundo alguns critérios definidos de acordo com a revisão bibliográfica feita anteriormente. Logo, procuramos identificar nos discursos dos líderes religiosos, por exemplo, a quais atores sociais eles associam o problema das drogas. Que sujeitos são estes, os considerados sujeitos deste problema? Qual é o perfil do desviante? Em seguida, procuramos identificar se o discurso associa este sujeito a que espécies de causas, ou seja, como o discurso justifica o desvio do outro.

A escolha dos grupos religiosos se deu considerando vários critérios, mas, de forma central foram escolhidos aqueles que apoiam ou promovem ações voltadas para a questão das “drogas”, por meio de programas e/ou clínicas; notória presença destes religiosos na

⁴ Preferiu-se centrar a aplicação das entrevistas tão somente com as lideranças religiosas por compreendermos que seriam os mais aptos para expressarem-se em nome de todo o grupo, anulando as concepções pessoais, mas referendo recorrer ao pensamento da Instituição religiosa que representara. Pretende-se continuar esta pesquisa apresentando discursos dos egressos dos programas dos grupos religiosos, assim como, demais participantes do contexto.

sociedade e na política ou ainda pelo grande número de adeptos; outros por fazerem usos de psicoativos em seus rituais.

Para pesquisa e embasamento teórico tivemos como marco referencial a sociologia compreensiva de George Simmel (2011) e de Max Weber (1999) e a teoria do poder de Michel Foucault (1995). Acompanhamos também Norbert Elias (1993) especialmente na contextualização de longa duração sobre o processo civilizatório, assim como Antonio Escohotado (2008) em sua história geral das drogas.

Os psicoativos e a concepção moral cristã

A dimensão da religião, considerando os discursos dos líderes entrevistados, trata-se de estabelecer as regras para o bom convívio social, e antes de tudo, para estabelecer ligação direta com o divino, que faz do indivíduo um bom cidadão sendo esta uma das fundamentações do processo catequizante da religião, como mostra a socióloga Neide MIELE “O mundo sagrado é o universo das interdições, enquanto o mundo profano corresponde ao das transgressões. Nesse sentido, é um fenômeno interno que se completa no externo” (2006, p. 18). Sendo as interdições consideradas para o bem estar do religioso. Ao considerar isto, se reconhece a motivação do agir da religião no mundo interno, mas também no externo – fora dos muros físicos e simbólicos da religião, ou seja, na sexualidade, nas formas alimentares e no entretenimento/lazer.

Acompanhemos as formulações dos religiosos sobre a relação o uso de psicoativos e falta de comunhão com Deus. Expressou o Padre Robério Camilo⁵:

Mas olhando do ponto de vista religioso eu digo sempre droga é falta de Deus, entendeu? Se a pessoa encontra Deus... eu gosto sempre de lembrar que droga não é um caminho sem volta, um beco sem saída e tal, qualquer pessoa que encontra Deus, encontra libertação, ele reencontra o sentido da vida, pois ele encontra sua origem e a origem da gente é Deus, agora o mundo está virado do jeito que está.

O trânsito, portanto, se expressa no formato em que a falta de Deus conduz às “drogas” e o (re)encontro com ele o faz “liberto” das essências psicoativas e das mazelas

⁵ Religioso e ocupa o cargo de Vigário Paroquial da Paróquia de Nossa Senhora de Lourdes – Areia Preta, Natal, atuando no bairro de Mãe Luiza; Assistente Eclesiástico e Coordenador Arquidiocesano da Pastoral da Sobriedade e Presidente do Serviço de Assistência Rural – SAR. A entrevista se deu na secretaria da Igreja de Nossa Senhora da Conceição, Bairro de Mãe Luiza – Zona Leste de Natal/RN. (83) 3322.3222

associadas ao uso. Diante disso, é recorrida a noção de escravidão para aqueles que não vivem pautados na prática da religião, ou consomem “drogas”, pois ela (a religião), como presença de Deus no mundo, é vista como reguladora, controladora, que conduz a uma liberdade espiritual e social que é comprometido com o uso de psicoativos, todavia, isso se dá ao escravizar ou anular as liberdades outras.

Ainda segundo o Padre Católico, esta falta de Deus nos indivíduos se dá não só de maneira individual, ou seja, indivíduo – Deus, mas como resultado da perda do coletivo com Deus, assim sendo, Humanidade – Deus/Moral/Princípios virtuosos. E isto se configura com uma situação caótica. Disserta:

Então do ponto de vista religiosos é falta de Deus, é enfraquecimento das religiões, do elemento religioso em si, que não tem comando né? Hoje a religião não tem comando sobre a metade da população, juntado todas as religiões, então os líderes religiosos ao começar do Papa, o papa diz uma coisa... ou melhor ao começar de Jesus, no evangelho diz uma coisa e nós vivemos uma coisa completamente diferente, imagina o padre, o papa, o pastor do bispo... os apelos do mundo são muito mais atrativos, então eu acho que essa falta do religioso, da fé, do temor de Deus, sabe? É o que causa. Que é o elemento regulador das nossas ações.

A fé, portanto, deve desempenhar papel de regulador das emoções, vemos reacender a associação do transgressor no indivíduo que usa psicoativo, como aquele que quebra as regras, ao quebrar as regras as formas de religião ou perdão é pela prática da conversão no campo simbólico e religioso, inclusive, este que nega o uso de psicoativo pela via da prática religiosa é considerado como o herói ou ainda como aquele que consegue ser mais forte que a “droga”, assim, ainda no campo simbólico a sociedade junto aos religiosos atribuem prestígios múltiplos, ao passo que, se comprometem a exigir e fiscalizar esta postura resistente ao pecado ou a transgressão em todas as dimensões do indivíduo, afinal este agora não é tão somente responsável por si, mas também pela parcela do divino que se encontra no indivíduo.

Pensamento semelhante é compartilhado pelo Adventista Zenivalter Silva⁶, que estabelece o uso de elementos alteradores da consciência como um erro tendo como causa a não comunhão com Deus. Com isso, a doutrina religiosa e a vida pautada nela são acionadas

⁶ Pastor que ocupa o cargo institucional de Pastor distrital local, também é responsável pelo templo Central da Igreja, localizado na Rua Olinto Meira, 955 - Barro Vermelho; e pastor do Centro Novo Mundo localizado no bairro de Capim Macio, Zona sul de Natal. (83) 3322.3222

para justificar o que motiva o indivíduo a cometer “erros” e viver de forma insatisfeita na sociedade. Vemos isso quando afirma:

No caso das drogas a pessoa que não tem comunhão com Deus, não só tem problema com drogas, mas ela tem problemas com casamento, problemas diversos na vida, né? Um indivíduo que não tem comunhão com Deus geralmente ele é... Arrogante, egoísta, trapaceiro, ladrão, mentiroso... Então a falta de comunhão com Deus o faz ter um leque de oportunidades para cometer erros.

Estas práticas na dimensão social de boas regras, ou seja, da vida em comunidade harmoniosa e fraterna são ancoradas na lente espiritual, pois a religião tende a estabelecer justificativas e sentidos que estimulem a vida prudente em nome de uma salvação posterior, como assegurou BERGER (1995 p. 41). Esta moral se propõe a estabelecer regras nesta dimensão física para um usufruto espiritual após a morte e o fato do uso de psicoativos passa a ser um agravante comprometedor de todo este sistema quando é visto como um erro, praticado por quem não tem a Deus, segundo a visão adventista.

O pensador Mircea ELIADE (2010, p. 171) compreende que os valores religiosos buscam com veemência solucionar problemas, inclusive, os de crise de sentido, pois nela a origem da vida e da história é Deus, portanto tudo se deve voltar a ele enquanto que só ele pode ser o agente que soluciona a dor, com isso, outras formas são tidas como marginais ou contrárias a comportamento agradável a Deus. Esta condição de pensamento propala mais uma vez a visão espiritualizada.

Uso de “drogas” como fator que desagrega famílias: marca do moralismo cristão

Os resultados dos usos de psicoativos são, em sua maioria ou totalidade, negativa e desagregadora no campo religioso, afetivo e social. Estas interpretações que os líderes crentes têm difundido são localizadas, sobretudo em concepções valorativas e numa moral. A falta desta moral acompanhado de outros fatores conduz os indivíduos aos usos destes elementos, considerados como errados. Ademais, a moralização é acionada não só como causa, mas como comprometida, especialmente, na dimensão familiar.

O Papa João Paulo II, que ficou à frente do catolicismo de 1978 à 2005, registrando 26 anos de pontificado desenvolveu expressivo combate

ao uso de “drogas” associando ao que denominara de “Cultura de Morte”, que o levou a discursar no encerramento de uma Conferência Internacional sobre os problemas das drogas e do alcoolismo que aconteceu em Novembro de 1991 em Roma, momento em que, assim como em outras oportunidades, expressava forte crítica aos governos que estavam assumindo posturas de legalização do uso de “drogas” como traz Ronaldo LIMA (2009 p. 30) e apoiando, indiretamente, a guerra às drogas, por estabelecer com veemência a oposição entre Vida e “Drogas”.

A Igreja Católica Apostólica Romana continua desenvolvendo uma sólida reflexão contra o uso de psicoativos e seus usuários, isto por meio de documentos oficiais emitidos pela Santa Sé de Roma. Exemplo disto foi o resultado da conferência realizada em São Paulo no ano de 2007, que reunira clérigos da América Latina e do Caribe junto ao então Papa Bento XVI, que traçou novos rumos para o Catolicismo, tendo como cunho forte as questões políticas e sociais. Por vezes, repetidas o documento ali elaborado recorre o uso de psicoativo como complicador para vivência da paz e da harmonia social, além de mostrar tal uso como sinônimo de narcotráfico. Tais elementos são denominados, pelo documento, como “mancha de óleo que invade tudo”. (2007, p. 188). Percebemos que esta visão é replicada não só nos discursos oficiais da Igreja, mas, vemos reproduzida na fala do entrevistado, onde falar de “drogas” é falar de tráfico.

Poderemos observar, por conseguinte, esboçada os desdobramentos desta visão oficial da Igreja Católica no discurso do entrevistado desta pesquisa, desenvolvendo-se a exibição de um discurso predominante no catolicismo que é o chamado nas pesquisas de Fabrício OLIVEIRA e Arnaldo ZANGELMI de “discurso comum institucional”, em que todos os religiosos tendem a assumir para si a visão da instituição como seu próprio entendimento, isto “tendo em vista a grande preocupação com a coesão institucional e a harmonização das diferentes visões de mundo do papel da Igreja Católica para a vida social” (2010, p. 290).

Diante disso, o Padre da Pastoral da Sobriedade recorre à questão familiar, muito difundida e incentivada na esfera católica, como responsável pelo problema das “drogas”, pois esta instituição como outras de objetivo comum, que o de formar “bons cidadãos” têm sofrido por resignificações, que na fala do religioso é considerado como complicador para o bem social. Disse ele:

Então eu acho que, a droga está se fortalecendo, pois as instituições estão se enfraquecendo, família, escola e religião. Ou seja, o mal está se fortalecendo porque as instituições que trabalham o bem estão se enfraquecendo. Então, é... relaciona droga a isso aí. Aí depois tem o comércio que rende muito dinheiro, gera renda para os que vivem disso, tem muita gente que sustenta a família dessa venda mesmo, então quanto mais for difícil um emprego ou sei lá mais o que aí vem a facilidade de estar ali, isso falando do ponto de vista do usuário e do que vende em si.

A questão familiar é muito citada na esfera religiosa, no sentido de valor e como espaço de formação de novos indivíduos, todavia, o Pastor da Igreja Batista Regular, de forma representativa dos segmentos protestante tradicionais, demonstra que a orientação afetiva é determinante para direcionar os filhos ao não uso, mas ao mesmo tempo elenca quais os formatos de famílias podem desempenhar com efetividade esta intervenção, sendo elas as que frequentam o espaço religioso. Inclusive, o exercício da religião é tido como um encaminhamento seguro para o não uso, tido como transgressor e as famílias que nela se inserem são julgadas como modelos. Acompanhemos a fala do Pastor José Eridam⁷:

Às vezes ou até a maioria das crianças aqui, que temos notícias que se envolveram com drogas, foram assassinadas, são filhos de pais separados, às vezes criados só com a mãe, criada na rua, então são presas fáceis para se envolverem com drogas, então não vejo essa questão, então essa questão espiritual vem de uma base também, de uma base familiar, é claro que uma família que têm filhos, nascem dentro da igreja é claro que possuem uma estrutura espiritual.

A assertiva valorativa que circunda a privação do uso de psicoativo também é difundida no próprio contexto religioso do Santo Daime⁸. Disse a daimista:

Então realmente o problema das drogas, eu acho muito devastador, desagrega e é muito grave, que merece uma atenção muito especial, um programa, que seja realmente voltado pra ajudar essas pessoas, pois a questão das drogas é uma coisa assim que desagrega famílias.

⁷ Ex-presidente da Associação das Igrejas Batista Regular do Rio Grande do Norte e pastor da Igreja Batista Regular do Igapó - Zona Norte de Natal a entrevista se deu em na própria Igreja da Zona Norte a qual é pastor, em Fevereiro de 2016

⁸ Maria da Liberdade de Souza Cordeiro Moura, presidente da Igreja Céu da Arquinha. O referido grupo recebeu o reconhecimento oficial no ano de 2003 e funciona na Zona Rural do município de Nísia Floresta (RN) 3322.3222

A desagregação das famílias, ou seja, a concepção de desordem, desajuste é vista como resultante máxima do uso de substâncias alteradoras da consciência, em concordância com o que se é assumido na esfera pública, até mesmo na concepção da líder do Santo Daime, recorrendo a esta defesa para induzir aos não praticantes desta fé que as beberagens usadas em seus rituais não se trata de uma “droga”, portanto, os outros elementos alteradores da consciência são enquadrados em outra dimensão.

Esta forma de compreensão tem desencadeado aversão ao debate de maneira mais reflexiva, onde os meios religiosos têm tentando assumir a responsabilidade de sanar o “problema das drogas”, que, mormente, é causador das mazelas sociais, por comprometer o consenso moral hegemônico.

Considerações Finais

Deparamo-nos constantemente com a concepção de que a filosofia religiosa desenvolve sólida reflexão em que o corpo é tido como “porta-deus”, e para tanto se nega uso de psicoativo, por ser “sujeira” do mundo, naquilo que não lhe pertence. Junto a isso, por vezes repetidas, se percebe nos discursos a marginalização das “drogas”, por ser uma expressão da falta de Deus.

Esta intervenção religiosa, com seus valores e princípios morais, no contexto dos referidos usos se fundamenta no duelo que permeia o universo religioso e é tido como “campo de batalha” para o crente que é estar resistente às tentações espirituais que induzem para definhar o corpo físico e social. Há, assim, a oposição entre Profano contra o Sagrado, onde o mundo, aqui se incluem as “drogas” diretamente, é o profano, ao passo que, a virtude religiosa projetada nas práticas ritualística e na forma de vida pautada na filosofia do grupo é a esfera sagrada. E isso, mesmo entre os daimistas que fazem uso sagrado de uma “droga”.

Diante do debate proposto e desses resultados ressaltados, percebemos que a preocupação ou a teorização do uso de “drogas” suas causas e efeitos estão bem presentes em grande parte dos grupos religiosos pesquisados, tendo mais peso as interpretações e fundamentações espirituais e doutrinárias, anulando parcialmente a contextualização social e bioquímica. Essa preocupação para com as questões sociais se fundamenta na compreensão que esses grupos têm um compromisso para com o seus adeptos e para com todos os membros

da sociedade, ao propor uma sociedade mais justa, sóbria e ordenada.

A religião em DURKHEIM (1996) pode ser vista sob a ótica que, a instituição tem que assumir um papel de determinante moralista, a fim de manter uma ordem ou coesão social, a união, a solidariedade objetivando ainda a manutenção da harmonia entre as relações. A religião proporciona a segurança na comunidade, comunidade esta que não admite o “Corpo Viciado”, e desqualifica o usuário de psicoativos, por conceber que este é impossibilitado de agir de forma esperada na sociedade, como cidadão produtivo, sendo esta uma marca do processo civilizatório, como evoca ELIAS (1993).

Emerge ainda uma violência simbólica que inabilita a autonomia do indivíduo e provocam problemas maiores no campo da significação e demoniza social e espiritualmente os atores sociais, como expôs Alba ZALUAR, “As imagens negativas, os preconceitos, o medo, que no Brasil, cheguem às raias da demonização da subcultura, marginal e dos tons agressivos e anti-sociais” (2008, p. 11-12).

Falta às igrejas politizarem a questão das drogas, tanto em termos de políticas públicas, como em termos de uma política de corpo, em falta às igrejas essa compreensão do que há de político no drogar-se, e no reprimir-se a drogadição, além do reconhecimento em dimensão coletiva, abrangente ao ser social.

Referências

ACSELRAD, Gilberta. **A Construção social do “problema” das drogas**. Educação Pública, 2015. Disponível em: <<http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/cidadania/0022.html>>. Acesso em: 25 jul. 2015.

BERGER, Peter L.. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião**. São Paulo: Paulinas. 1995.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção Social da realidade: Tratado de Sociologia do Conhecimento**. 11ª edi. Petrópolis: Vozes. 1994.

CELAM. **Documento de Aparecida, Texto conclusivo da V Conferência do Episcopado latino-americano e do Caribe**. São Paulo: CNBB, Paulus, Paulinas. 2007.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano: A essência das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, trad. Rogério Fernandes. 4ª edi. 2010.

ELIAS, Nobert, 1993. **O Processo Civilizador**. Vol I e II. Rio de Janeiro; Zahar.

ESCOHOTADO, Antonio. 2008. **Historia general de las drogas: fenomenologia de las drogas**. Madrid: Esapssa.

FOUCAULT. Michel. **Microfísica do Poder**. 11ª Edição. Rio de Janeiro: Graal,1995.

LIMA, Ronaldo Bernardo de. **A “Terapia do Amor” proposta por João Paulo II, para o crescimento moral de pessoas em dificuldades: Uma resposta à recuperação de usuários de drogas no Brasil** – Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Lateranense, Instituto Superior de Teologia Moral. 2009.

LOPES JR. Orivaldo Pimentel; COSTA, Janaína Alexandra Capistrano. **Drogas e o exercício da religiosidade e da cidadania: Informe de pesquisa**. Revista Inter-Legere Revista do PPGCS/UFRN. Natal RN, n.15, jul./dez., p. 189–205.

MACHADO, Laura Paes. **Do crack a Jesus: um estudo sobre carreiras de usuários de substâncias psicoativas em uma comunidade terapêutica** - Dissertação (mestrado) –

Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. 2011.

MIELE, Neide. **Espaço Sagrado, Espaço Religioso**. Revista Diálogo: Revista de Ensino Religioso. São Paulo, n. 42, p. 14-18. 2006.

OLIVEIRA, Fabricio Roberto C.; ZANGELMI, Arnaldo José. **Dialogando com a Igreja Católica: fontes orais e discurso institucional**. Cadernos de Estudos Sociais. Vol. 25, nº. 2, jul/dez., 2010.

SIMMEL, Georg. **Religião: Ensaios**. Vol I. São Paulo: Olho d'água. 2011.

WEBER, Max. 1999. Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva. V.I Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília.

ZALUAR, Alba **A criminalização das drogas e o reencantamento do mal**. In.: ZALUAR, Alba (Org.). Drogas e cidadania: repressão ou redução de riscos. São Paulo: Brasiliense, 1994.

